

A gestão na prática



A rotina mata. Temos de fugir da rotina para sermos felizes. A vida está se tornando monótona. Se cairmos nesse esquema, vamos morrer de tédio. Frases que valem para terapia de pessoas que precisam de autoajuda nem sempre valem para a gestão. Tais frases de efeito precisam ser medidas com colherzinha se estamos mergulhados no mundo empresarial. Afinal, o que é a rotina de uma empresa? Fazer diariamente a coisa certa, na hora certa, na medida certa, em um ritmo combinado é se prender em uma teia de marasmo? É ser refém de um mecanismo que despersonaliza e destrói sonhos e desejos?

Para a gestão, encontrar o ponto da rotina e fazer com que o trabalho ganhe em equilíbrio e precisão é o maior dos desafios. É aqui que está a grandeza. É o ponto forte que almejamos alcançar. Ela é tão valiosa que carrega em si uma imensa contradição, porque concentra duas faces distintas de realidades distintas e que precisam ser devidamente identificadas para salvaguardar o empreendimento de surpresas desagradáveis. Por isso a rotina empresarial perturba tanto os gestores quando não se tem o devido conhecimento sobre o que ela engendra em sua engenharia aparentemente silenciosa.

A pergunta que deveria ser feita quando se chega ao ponto de rotina equilibrada são: Alcançamos o eixo, o ponto alto do nosso negócio, ou estamos entrando em um novo ciclo de descontrole? Para essa dúvida não pairar no ar é preciso que tal rotina seja sustentada por um jogo articulado de habilidades e inteligências, que se movimentam com tanta destreza que causam a impressão de normalidade a uma articulação sutil, frágil e admirável. Em síntese, a rotina da vida do cidadão comum é o avesso da rotina empresarial quando ela alcança o que chamamos estado da arte. Só saberá dimensionar esse quadro, quando ele alcança seu ótimo, quem compreendeu e leva com afinco os ensinamentos de uma gestão de qualidade. Mas não vale para quem ainda se perde no campo das impressões.

Vamos a um exemplo de aparência que deve nos levar a uma profunda reflexão: Quando começamos a fazer a gestão funcionar como manda o figurino, o que muda? Saímos de justificativas e nos comprometemos de fato com ações, pois em primeiro plano mediremos se o novo propósito estabelecido se cumpre ou não. Com esse comportamento reformulado tentamos cumprir com tudo o que foi acordado preliminarmente e tentamos nos adaptar a um novo jeito de fazer a coisa, mantemos a equipe comprometida nos objetivos. Mas se não estamos seguros disso, confundimos a rotina que mata com a rotina que constrói. Desesperados pela falta de um foco seguro, continuamos mergulhados em ações falsas, como reuniões intermináveis, justificativas e desculpas sem fim e, obviamente, poucos resultados positivos.



Alessandro Natal é Diretor da UNIC Gestão e Negócios Empresariais - Empresa especializada em Gestão Empresarial e Desenvolvimento de Profissionais e Lideranças.

Formado em Administração de Empresas – Habilitação em Sistemas de Informação.

Palestrante em cursos, treinamentos e eventos para preparação de profissionais para o mercado atual.

Auditor Líder de Sistema de Gestão da Qualidade certificado pelo RABQSA.

Colunista do Carreira & Sucesso da Catho nos assuntos de Gestão Empresarial e Liderança e na Revista Atitude Empreendedora.

Contato: alessandro@unicgestaoenegocios.com.br